

Vozes de Tchernóbil – o tempo suspenso, o horror e a linguagem da memória e do esquecimento

Jacy Seixas^a

Resumo

Vozes de Tchernóbil – a história oral do desastre nuclear, de Svetlana Aleksiévitich, publicado em 1997, representa o tapa definitivo na ideologia do progresso civilizador e possibilita a discussão da extrema contemporaneidade das linguagens da memória e do esquecimento, assim como a interpelação das escritas da história perante a catástrofe anunciada; nessa relação são traçadas fronteiras insuspeitas e sensíveis entre ambas as formas de conhecimento. As narrativas de memória urdidas pela autora, que formam uma espécie de mosaico, exprimem, de diversas formas, o “estupor” experimentado por milhares de pessoas e enunciam, a partir do desconcerto e estranhamentos radicais, os desafios colocados à tradição, à subjetividade e à existência humana no interior do que é experimentado como uma “nova sensação do tempo”. Este artigo busca levantar tópicos compreensíveis do “estranhamento” e “terror” de que falam os testemunhos múltiplos e insistentes, diante do sentimento de eclipse da própria linguagem para dar conta do acontecido e vivido.

Palavras-chave: Tchernóbil; Svetlana Aleksiévitich; memória e esquecimento; Literatura e História.

Recebido em: 31/08/2018

Aceito em: 08/10/2018

^aProfessora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: seijacy@yahoo.com.br

¹ Dados históricos (Enciclopédia da Bielorrússia, 1996): em consequência da radiação “a cada ano cresce no país (Bielorrússia) o número de doentes de câncer, de deficientes mentais, de pessoas com disfunções neuropsicológicas e com mutações genéticas”. A nuvem radiativa deslocou-se, desde 26/04, em várias direções atingindo a Polónia, Alemanha, Áustria e Romênia [29/04]; Suíça e norte da Itália [30/04]; França, Bélgica, Países Baixos, Grã-Bretanha e norte da Grécia [01-02/05]; Israel, Kuwait, Turquia [03/05]; Japão [2/05]; China [04/05]; Índia [05/05]; Estados Unidos e Canadá [05-06/05]. Dados da Escola Superior Internacional de Radiologia Sákharov, 1992. “O quarto reator [eu: hoje coberto por um ‘sarcófago’ denominado “A Arca”, a ser inaugurado no final de 2017] continua guardando nas suas entranhas de chumbo e concreto armado cerca de 200 toneladas de material nuclear. Entretanto, parte do combustível se misturou ao grafite e ao concreto. O que ocorre atualmente com esse material, ninguém sabe.” O próprio subtítulo da edição em português de *Voices de Tchernóbil* – “a história oral do desastre nuclear” – exprime esse desconcerto e desatino historiográficos. Por que história oral? Por que “desastre” nuclear? O título original “Чернобыльская молитва” tem por tradução “A batalha perdida”.

² *Dicionário Houaiss*. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-2/html/index.php#11>. Acesso: 14 jul 2017.

³ *DICTIONNAIRE LITTRÉ*: Catastrophe = “le dernier et

Madrugada, 26 de abril de 1986: eclosão de uma catástrofe histórica sem precedentes, de dimensão mundial, que permanece desafiando as narrativas da memória e as escritas da história: duas explosões seguidas de incêndio, durante dez dias, destruíram um dos reatores e parte da usina nuclear da Tchernóbil, localizada ao norte da Ucrânia, jogando na atmosfera, na terra e nos leitos dos rios uma quantidade absurda de partículas radiativas, matando e condenando à morte lenta, silenciosa e projetiva – uma morte anunciada que se lança em direção a um devir ainda sem fim – dezenas de milhares de pessoas, de outros seres vivos (animais, plantas) e toda uma região da então União Soviética.¹ (ALEKSIÉVITCH, 2016, p.10-11).

Catástrofe: noção que aponta para significados diversos da de *desastre* ou *acidente* nuclear, como o episódio é globalmente enunciado e reconhecido, registrado nas várias mídias e sites da internet. O termo *desastre* [do italiano *dis-* + *astro* no sentido de ‘má estrela’, séc. XIV]² nomeia algo imprevisível e fortuito; no caso de Tchernóbil, a imprevisibilidade é um aspecto apenas aparente, reiteradamente problematizado nas memórias de suas testemunhas. O desastre, aquilo que chega sem ser anunciado, deixa em seu rastro *vítimas* – mortos a serem pranteados e sobreviventes e suas sequelas. Já o termo *catástrofe* significa outra coisa: supõe um processo acumulativo, um encadeamento e um desfecho mais ou menos previsível³ e faz de mortos e sobreviventes *escombros* humanos, sem futuro e esperança, que desafiam titubeantes a enunciação – a linguagem a ser recriada – deste que é percebido como “um mundo diferente”, pois “o antigo mundo não existe mais”.

1997: Svetlana Aleksievitch, prêmio Nobel de literatura em 2015, publica *Voices de Tchernóbil* – título em português do livro lançado no Brasil em 2016, que é complementado com o enganoso subtítulo: *a história oral do desastre nuclear*.⁴ *Misto ou encontro de literatura e testemunhos históricos cujo efeito é uma “colagem” impactante de narrativas sensíveis de memórias sobre as várias dimensões envolvidas (físicas e psíquicas, históricas, epistemológicas, filosóficas, ecológicas...) que interpelam, sem cessar, a compreensão histórica – “sobre por que Tchernóbil desafia a nossa visão de mundo”, como escreve a autora nascida na Ucrânia e de nacionalidade bielorrussa. A autora apresenta seu livro com rigor e clareza: “Tchernóbil é antes de tudo uma catástrofe do*

principal événement d'une tragédie, d'un drame. Catastrophe habilement préparée. Le poème tragique vous mène par les larmes, par les sanglots, par l'incertitude, par l'espérance, par la crainte, par les surprises et par l'horreur, jusqu'à la catastrophe' [La Bruyère, I]. Étymologie: Καταστροφή, retour, tournure, issue, de κατὰ, sur, et στροφή, tour (voy. STROPHE). Disponível em: <https://www.littre.org/definition/catastrophe>. Acesso: 14 jul 2017.

⁴ O livro foi traduzido em 18 línguas. Título em francês: *La Supplication. Tchernobyl, chronique du monde après l'Apocalypse*, 1999; em inglês: *Voices from Chernobyl: The Oral History of a Nuclear Disaster*, 2005; em alemão: *Tschernobyl. Eine Chronik der Zukunft*. Aufbau, 2006.

tempo. Os radionuclídeos espalhados sobre a nossa terra viverão cinquenta, cem, 200 mil anos. Ou mais. Do ponto de vista da vida humana, são eternos. Então, o que somos capazes de entender?" (ALEKSIÉVITCH, 2016, p.39)

O livro, que desconcerta e instiga (e isso por inúmeros aspectos: por sua carga emotiva, a potência e coragem das falas e dos silêncios, das imagens insuspeitas do horror vivido, pela insistência no ineditismo do ocorrido...), não constrói uma narrativa histórica no sentido de escrita historiográfica – a autora não utiliza a memória ou os testemunhos como “fonte” para o conhecimento, e talvez nem mesmo busque “compreender” a catástrofe nuclear acontecida a 18 km da fronteira com a Bielorrússia (Belarús).

Mas, sem dúvida, *Vozes de Tchernóbil...* confronta a compreensão histórica a partir do mosaico que constrói com as inúmeras narrativas – carregadas de afetos (espanto, estupor, desespero, amor, revolta, raiva, impotência, coragem, resignação...) – de testemunhos diretos e indiretos do acontecimento. Mosaico, fruto do cinzel literário, que possui o impacto dos mosaicos renascentistas, que, ao mesmo tempo, registraram a época revoluta e anunciaram um devir, a modernidade: nesse caso, os mosaicos eram luminosos, em perspectiva. O mosaico construído por *Vozes de Tchernóbil...* foge do cânone: tem a cor do grafite, do concreto e da areia... e a perspectiva e qualquer ordenamento compreensivo são consumidos pela fragmentação hiperbólica que dá o tom de irreversibilidade ao drama, ou melhor, à tragédia histórica. Lembra-nos mais Guernica, de Picasso, do que os mosaicos de San Marco em Veneza.

Hannah Arendt, ao insistir sobre a necessidade de *compreensão* dos regimes totalitários e das linhas de força que fizeram surgir sociedades e indivíduos totalitários e alertando-nos sobre sua presença nas sociedades democráticas de massa, escreveu:

A compreensão, diferentemente da informação correta e do conhecimento científico, é um processo complexo que nunca gera resultados inequívocos. É uma atividade interminável por meio da qual, em constante mudança e variação, chegamos a um acordo e a uma conciliação [que não significa perdão, alerta a autora] com a realidade, isto é, *tentamos sentir o mundo como nossa casa. A conciliação é intrínseca à compreensão* [...]. (ARENDDT, 2008, p. 230). (Grifo nosso)

Nessa ótica, Svetlana Aleksievitch não busca *compreender* Tchernóbil, pois não pretende *negociar* nada para continuar vivendo no “mundo humano” reconstruído – nenhuma das suas testemunhas parece empenhar-se nisso, pelo contrário –; parece não haver mais conciliação possível “com um mundo onde tais coisas são possíveis”, que perdeu seu atributo de acolhimento,⁵ o mundo racionalizado/ideologizado/securizado inventado e reinventado há pelo menos cinco séculos, o mundo das várias modernidades. De fio a pavio é a estranheza e o estupor que reinam nas falas de que se valem os testemunhos, com objetivos indefiníveis, pois *por que e para que lembrar?* A memória constituindo-se aqui mais como arma de luta que anuncia a fratura irreversível, talvez a única possível frente a um inimigo invisível e desconhecido, do que como instrumento de compreensão e negociação na tentativa de se refazer *esse* mesmo mundo “como nossa casa”.

Nós... Eu falo de todos nós... Nós não esquecemos Tchernóbil, e não o compreendemos. O que os selvagens podiam entender dos relâmpagos? [...] *A era da física acabou em Tchernóbil.* [Valentin A. Borissievitch, físico e ex-diretor do Laboratório do Instituto de Energia Nuclear da Academia de Ciências da Belarús] – (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 276-278). (Grifo nosso)

⁵ “Na minha primeira visita à zona, os jardins floresciam [...]. Os pássaros cantavam. Um mundo tão... familiar. O meu primeiro pensamento foi que tudo estava no lugar, tudo era como antes. A mesma terra, a mesma água, as mesmas árvores. As formas, as cores e os aromas eram eternos e ninguém seria capaz de modificá-los. Mas já no primeiro dia me explicaram que não se deve arrancar flores, que é melhor não se sentar na terra e tampouco beber a água dos mananciais. [...] as vacas ao se aproximarem da água, imediatamente retrocediam. [...]” Entrevista da autora consigo mesma sobre a história omitida e sobre por que Tchernóbil desafia a nossa visão de mundo. (ALEKSIÉVITCH, 2016, p.44).

[...] Tchernóbil está muito além de Kolimá e de Auschwitz. Do Holocausto. Estou me expressando com clareza? O homem armado de machado e arco ou com lança-granadas e câmara de gás não pode matar todo mundo. Mas o homem com o átomo... *Nesse caso, toda a terra está em perigo.* [Liudmila D. Poliánskaia, professora rural] – (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 280). (Grifo nosso)

Tchernóbil é um *enigma* que ainda tentamos decifrar. Um signo que não sabemos ler. Talvez um enigma para o século XXI. [...] Tchernóbil representa o conteúdo fundamental do mundo, cujo interior e entorno, e não só a terra e a água, Tchernóbil envenenou. [...] As informações sobre Tchernóbil nos jornais estão cheias de termos bélicos: átomos, explosão, heróis... E isso dificulta o entendimento de que nos encontramos diante de uma história nova: *teve início a história das catástrofes.* [Svetlana Aleksievitch. Entrevista da autora consigo mesma...] – (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 41,43). (Grifo nosso)

Anote, anote. Sim, sim! Tudo se apagará da memória, desaparecerá. Eu lamento não ter anotado nada. [Guenádi Gruchevói, deputado do Parlamento bielorrusso] – (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 196).

Vozes de Tchernóbil... é urdido na linguagem das memórias e esquecimentos situados em graus diversos de profundidade, rememorações voluntárias ciosas da organização dos fatos e da sequência dos acontecimentos, das percepções mais imediatas, e também lembranças sensíveis que misturam e encavalam os tempos e os acontecimentos concretos aos psíquicos: uma trama de memórias e esquecimentos que exprimem em polifonia as múltiplas dimensões do fato histórico que traz para a contemporaneidade, ainda uma vez, o desafio de dar a ver e narrar o “conhecido – desconhecido mundo.” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 45).

***“Rompeu-se o fio do tempo...” – “Ele contava e recontava.
Eu guardava na memória...”***

Primo Levi registrou, em *Os afogados e os sobreviventes*, que as “autênticas testemunhas” dos *Lager* foram aqueles que olharam nos olhos da Górgona e, por isso, não voltaram ou emudeceram, experimentaram o horror até o fim. Falava das vítimas das câmaras de gás e dos fuzilamentos sumários à beira de covas coletivas. “Quem o fez, quem fitou a Górgona, não voltou para contar, ou voltou mudo; mas são eles, os “muçulmanos”, os que submergiram – são eles as testemunhas integrais, cujo depoimento teria significado geral”. (LEVI, 2004, p. 72). As testemunhas de Tchernóbil, os que fitaram a Górgona – muitos acompanharam fascinados de suas janelas o incêndio e as cores e formas inusitadas das partículas radiativas cobrindo as hortas – voltaram para contar... e suas falas, polissêmicas, aproximam-se e, sob certos aspectos, distanciam-se dos testemunhos dos sobreviventes dos *Lager*.

Tentarei percorrer, a seguir, estes pontos de contato e afastamento, pensar a analogia entre Tchernóbil e essa outra catástrofe anunciada do século XX: os totalitarismos e o terror, que lhe foi instituinte.

Aqui, talvez, a crise da narração apontada por Walter Benjamin (1994) como traço dos tempos contemporâneos não se aplique. As narrativas da memória de Tchernóbil são minuciosas, insistentes, atentas às nuances, à sua historicidade própria, plena de afetos contraditórios, reveladoras do multifacetamento da experiência traumática, da ir-racionalidade das condutas, da fragilidade e força da condição humana, dos embates e

acomodações entre a rememoração e o esquecimento, entre a memória voluntária e a involuntária (insubmissa às imposições da consciência):

Depois que ele voltou de lá, viveu alguns anos como em delírio. *Contava e recontava. Eu guardava na memória.* [...] Eu não perguntava nada a ele. Eu o entendia e escutava com o coração... Eu queria perguntar... Queria falar... [...] Mas em outras ocasiões isso foi tão insuportável para mim que eu não queria saber mais nada. *Odeio recordar! Odeio* (Novamente eleva a voz até gritar) Houve um tempo... houve um tempo em que eu invejava os heróis. Aqueles que tinham participado dos grandes acontecimentos, que viveram épocas de ruptura, momentos de reviravolta da história. Falávamos e cantávamos sobre eles. [...] Lamentava não estar lá em 1917 ou em 1941. Hoje penso de outra forma: *eu não quero viver a história, no tempo histórico.* [...] Depois de nós, restará apenas a história. Restará Tchernóbil. E onde está a minha vida? O meu amor? *Ele contava e recontava. Eu guardava na memória.* Pombos, pardais, cegonhas. Uma cegonha corre, corre pelo campo, quer alçar voo, mas não consegue. Um pardal pula, pula, mas não sobe, não voa mais alto que a cerca. As pessoas partiram, nas casas agora só vivem as suas fotografias. [...] *Ele contava, Eu guardava na memória.* (Fala como esquecida de si mesma). [Nina Prókhorovna Kovaliova, esposa de um liquidador] – (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 269-271).

Contar, falar, narrar, reiteradamente *guardar* na memória, odiando-o fazê-lo, recusando o *tempo histórico*. A memória nos aponta significados e traços que aproximam e, também, diferenciam a percepção das experiências totalitárias e Tchernóbil, revelando novos aspectos. Primeiramente, as semelhanças impossíveis de serem ignoradas: o estupor, o estranhamento, a sensação do “nunca experimentado” ou conhecido, sem registro na imaginação ou na consciência, na tradição e na história, a dificuldade de enunciação, o inenarrável que convive com a urgência e premência da narração. A perda do senso comum experimentada junto à sensação de ruptura.

As memórias e os testemunhos são percebidos e praticados como situados no limiar do intraduzível e in-dizível, do absurdo, da impossibilidade de serem articulados e narrados e, no entanto, prementes e urgentes, profusos, inadiáveis.

Demos um salto para uma nova realidade, uma realidade que está acima do nosso saber e da nossa imaginação. *Rompeu-se o fio do tempo...* O passado de súbito surgiu impotente, não havia nada nele em que pudéssemos nos apoiar; e no

arquivo onipotente [...] da humanidade, não se encontrou chave que abria a porta. Mais de uma vez ouvi naqueles dias: ‘Não encontro palavras para expressar o que eu vi e vivi; ‘Ninguém antes me contou nada parecido; Nunca li nada semelhante em livro algum, nem vi algo assim em filme algum’. [Svetlana Aleksievitch. Entrevista da autora consigo mesma...] – (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 41).

Palavras do *não imaginável* que ecoam e se embaralham a outras falas e lembranças, outros testemunhos, referenciados no terror totalitário dos campos de extermínio, como as de Primo Levi:

[...] mundo terrível [...], mas também indecifrável: não era conforme a nenhum modelo, o inimigo estava ao redor mas também dentro, o “nós” perdia seus limites, os contendores não eram dois, não se distinguia uma fronteira mas muitas e confusas [...]. [...] Auschwitz: os confins do espírito, o *não-imaginável* estavam lá. (LEVI, 2004, p. 32, 112).

Estamos transformados em fantasmas [...]. Pela primeira vez, então, nos damos conta de que a nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem. (LEVI, 1988, p. 24).

Gostaríamos de esquecer Tchernóbil, porque diante dela a nossa consciência capitula. É uma *catástrofe da consciência*. O mundo das nossas representações e valores explodiu.” [Svetlana Aleksievitch. Entrevista da autora consigo mesma...] – (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 49).

As palavras da escritora ecoam outras, já lidas e meditadas, palavras da razão filosófica que se recusa a se render... as de Hannah Arendt:

[...] o problema com a sabedoria do passado é que ela se desfaz entre nossas mãos, por assim dizer, tão logo tentamos aplicá-la honestamente às experiências políticas centrais de nossa época. [...] A originalidade do totalitarismo é atroz, não porque surgiu alguma nova ideia no mundo, mas porque suas ações constituem uma ruptura com todas as nossas tradições; elas demoliram indiscutivelmente nossas categorias de pensamento político e nossos critérios de julgamento moral. (ARENDE, 2008, p.332).

A sensação de “inenarrável”, “indecifrável” situada, de alguma forma, num fora-dentro da linguagem (ou percebido como tal), a percepção da ausência de apoio na tradição filosófica, na cultura e na história “do passado” para embasar a compreensão e possível conciliação com a realidade

experimentada no presente, e aquela a ser ainda construída e vivida, aproximam Tchernóbil e o entendimento das sociedades totalitárias, dos campos de extermínio e do isolamento radical do indivíduo.

Hannah Arendt escreve, no pós-guerra, sobre o pensamento que caminha às cegas por sendas desconhecidas e sobre a “ruína de nosso saber comum, herdado do passado”, insistindo no perigo da “perda da própria busca de significado e da própria necessidade de compreensão.” (ARENDDT, 2008, p. 337, 340). Coloca em relevo algo extremamente presente nas vozes testemunhas de Tchernóbil: a perda concomitante do senso comum que “pressupõe um mundo comum em que todos nós cabemos, onde vivemos juntos.” (ARENDDT, 2008, p. 341). Um mundo comum que, no pós Tchernóbil, se esfacela e se contrai drasticamente, nele cabendo apenas o indivíduo em seu progressivo insulamento e isolamento.

Mas o que aconteceu conosco... Para isso me faltava... me faltavam conhecimentos, e faltavam em todos os livros que havia lido em minha vida. [...] Uma coisa totalmente desconhecida destruía o meu mundo anterior. Era algo que se introduzia, que penetrava em você. À margem da sua vontade. [Anatóli Chimánski, jornalista] - (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 173).

A destruição do mundo “anterior” e seu lastro significa também uma ameaça ao mundo “interior”, aquele capaz de situar o indivíduo, mesmo na solidão, em relação com uma comunidade de homens e mulheres, com sua história e tempo.

Terror, medo, isolamento - “Por que as pessoas recordam? É a minha pergunta.”

Hannah Arendt (1989) aponta o terror como o *quid*, o ponto nodal, para compreendermos as sociedades e regimes totalitários. E isso, segundo ela, porque a prática do terror provoca o isolamento (noção que distingue da solidão)⁶ dos indivíduos, sua atomização extremada, a privação da língua e da linguagem comuns, da percepção do mundo atestada pelos sentidos e sensações; no limite, seu afastamento de si mesmo e dos outros, da cultura partilhada e vivida que se aloja no “eu” de cada indivíduo e, por sua vez, aloja e acolhe o “eu”; sua desumanização, enfim.

⁶ “Solidão e isolamento não são a mesma coisa. Na solidão nunca estamos sozinhos: estamos com nós mesmos. Na solidão sempre somos dois em um; tornamo-nos um todo individual, na riqueza e nas limitações dos traços específicos e características, na companhia, e apenas na companhia, dos outros. Para nossa individualidade [...] dependemos inteiramente de outras pessoas.” (ARENDDT, 2008, p.377-378).

Apropriando-se do pensamento de Montesquieu, Arendt lembra que o sentimento do medo seria o princípio de ação das tiranias e está, na modernidade, “fundamentalmente ligado àquela ansiedade que sentimos em situações de completo isolamento.”. O medo constrói um paradoxo, pois a ação do medo é negar a ação, impossibilitá-la, provocar a “impotência que sentem todos os homens quando estão radicalmente isolados.” (ARENDR, 2008, p. 355-356). E a situação de isolamento radical, de “absoluta impotência”, a modernidade conheceu sob os totalitarismos: o indivíduo reduzido à condição de *homo sacer* (dirá Agamben).

O terror totalitário – que “congela os homens”- e o medo estão ligados à condição de isolamento e “às experiências concomitantes da impotência e do desamparo.” Terror, medo, isolamento constituem, portanto, os elos do processo de dessubjetivação em ato nas formas totalitárias de poder (presentes, não desconsideremos, nas sociedades democráticas). Escreve ainda Hannah Arendt: “O isolamento, como acompanhante do estranhamento e do desenraizamento, é, em termos humanos, a enfermidade própria de nossos tempos”. (ARENDR, 2008, p. 361, 363, 377).

Estranhamento e desenraizamento, no sentido de ruptura com qualquer imaginação do passado, são termos fortemente presentes nas memórias de Tchernóbil; mas é em relação ao isolamento que Tchernóbil revela toda a sua dimensão e aspectos históricos inéditos.

O que se passou aqui é algo desconhecido. É outro tipo de horror. Não se vê, não se ouve, não tem cheiro nem cor. No entanto, nós mudamos física e psicologicamente. Alterou-se a fórmula do sangue, o código genético, a paisagem. [...] De manhã eu me levanto e tomo chá. Vou ao ensaio com os estudantes. E isso pende sobre minha cabeça. Como um sinal. E como uma interrogação. E eu não tenho com que comparar. Nada do que me lembro da minha infância se parece com isso. [Lília M. Kuzmenkova, professora de arte e diretora de teatro] – (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 300-301).

Fomos preparados para repelir e liquidar um ataque nuclear. Para enfrentar guerras químicas, biológicas e atômicas. Mas não para expelir radionuclídeos do nosso organismo. Nem para medi-los. Nem para vigiar o cézio e o estrôncio. Não se pode comparar isso com uma guerra, não é exato, mas todos comparam. [...] Lá, nós vivíamos como no front, sob fogo cerrado. E sob a fome, anos de fome, quando o homem cede

aos seus instintos mais baixos. E descobre a fera dentro de si. *Mas aqui, ao contrário, tudo continua a crescer.* Nada mudou no campo ou no bosque. É incomparável. [Nikolai P. Járkovi, professor de formação profissional] – (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 168). (Grifo nosso)

Diferente das situações extremadas, porém conhecidas e compreensíveis, de guerra,⁷ o inimigo agora não tem rosto tangível, reside absurdamente naquilo *tudo* que continua a nascer e a crescer. O isolamento, num primeiro momento, parece não ser um dos efeitos da catástrofe Tchernóbil, e a profusão de falas de memória, sua persistência e insistência atestam-no, trazendo à história um aspecto relevante a ser considerado. Nessa ótica, uma característica a diferenciá-la do terror das experiências totalitárias, conforme compreendido por Arendt. O diferencial localizar-se-ia no desejo e na potência do ato mesmo de lembrar. Mas, por outro lado, a impotência – derivada do sentimento difuso de se estar só, do desconhecimento do mundo comum como um abrigo, uma “casa”, como diz Arendt – é um traço trazido com igual insistência pelas memórias, o que reinstalaria o isolamento, de forma ambivalente, no coração do experimentado em Tchernóbil.

Queria esquecer. Esquecer tudo... Esquecer... Eu pensava que o acontecimento mais terrível da minha vida já tinha passado. A guerra. Que já estava protegido, já estava a salvo. A salvo graças ao que sabia, ao que tinha vivido. Mas... Fui à zona de Tchernóbil. Já estive lá muitas vezes. E lá eu *entendi que era impotente. Que não compreendo. E esse sentimento de impotência está me destruindo.* Porque não reconheço esse mundo. Tudo nele mudou. *Até o mal é outro.* O passado já não me protege. Não me tranquiliza. Não dá respostas. Antes sempre dava, agora não mais. [...] *Para que as pessoas recordam? É a minha pergunta.* Mas eu falei com você, pronunciei algumas palavras. E compreendi alguma coisa... *Agora não me sinto tão sozinho. Mas o que acontece com os outros?* [Piotr S., psicólogo] – (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 57). (Grifo nosso)

Para que as pessoas recordam? Não há respostas à pergunta, mas sua formulação, no momento em que o sujeito não se reconhece mais num mundo fraturado, em que *até o mal é outro*, vem evidenciar a dimensão política da memória e do esquecimento na contemporaneidade, seu poder e potência como ética introduzindo-se nas possibilidades de ação e de subjetivação, de ruptura do isolamento totalitário.

⁷ “Todo o tempo, comparamos essa situação com a guerra. Mas podemos entender a guerra. O meu pai me falou sobre ela, eu li nos livros... Mas e isso, o que é? Na nossa aldeia deixaram três cemitérios: em um, descansam as pessoas, é o mais velho; em outro, os cachorros e gatos que tivemos de abandonar e que fusilaram; no terceiro, as nossas casas. Eles enterraram até as nossas casas...” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p.228).

“[...] houve uma pausa. Um momento de mudez.”

Há pouco tempo publicaram nos jornais que em 1993 as mulheres da Bielorrússia fizeram 200 mil abortos. E a primeira causa era Tchernóbil. Nós vivemos com esse medo por toda parte. A natureza suspendeu suas atividades, está em estado de espera. Aguardando. ‘Desgraçado de mim! Onde se escondeu o tempo?’, exclamaria Zaratustra. [Aleksandr Reválski, historiador] – (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 264).

O que acontece com o tempo no momento exato da catástrofe? E qual a duração deste instante, se for pertinente pensar que um instante possa *durar*, como insiste Bergson? (1985) Chega a ser desconcertante como essa indagação, e a constatação de que algo inusual se processa neste instante preciso (“instante do perigo”, diria Benjamin) (BENJAMIN, 2005, p. 65), faz-se presente nas memórias que compõem *Vozes de Tchernóbil...* e na narrativa de sua autora.

Para finalizar este ensaio, gostaria de pensar, no cruzamento da linguagem da memória/esquecimento e das escritas da história, esse instante de *suspensão*, em que o tempo histórico *se esconde* e a natureza é percebida como *em estado de espera*: a questão do tempo e da temporalidade que o tempo das catástrofes introduz. Escreve Svetlana Aleksiévitch: “Entre o momento em que aconteceu a catástrofe e o momento em que começaram a falar dela, houve uma pausa. Um momento de mudez. E todos se lembram dele...” (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 41).

Como interpelar essa *pausa* de que *todos se lembram*, essa temporalidade aparentemente vazia e silenciosa, mas saturada “pelo tempo-de-agora (*Getztzeit*)” que reconfigura o passado, como escreve Benjamin (BENJAMIN, tese XIV, 2005, p. 119), que parece sinalizar o marco zero de onde tem início os percursos narrativos das memórias com suas *vozes*, lembranças e construção de sentidos?

É essa *pausa* que nos instala no cerne da memória e sua temporalidade, é o “instante de perigo” que conduz doravante as lembranças do passado, de um passado que se instala, como uma “imagem que lampeja”, no presente irremediavelmente fraturado – “um passado carregado de tempo-de-agora, passado que ele fazia explodir do contínuo da história.” (BENJAMIN, tese XIV, 2005, p. 119) É este agora, o “tempo-de-agora” sobre

o qual insiste Benjamin (saturado da teoria da memória proustiana), que pode conduzir doravante a compreensão e ação históricas. Reproduzo a passagem célebre:

Articular o passado historicamente não significa conhecê-lo “tal como ele propriamente for”: significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela lampeja num instante de perigo. [...] O dom de atear ao passado a centelha da esperança pertence somente aquele historiador que está perpassado pela convicção de que também os mortos não estarão seguros diante do inimigo, se ele for vitorioso. E esse inimigo não tem cessado de vencer. (BENJAMIN, tese VI, 2005, p. 65).

“Todo dia... Todo dia percorro as minhas lembranças...” – dizem as testemunhas de Tchernóbil. (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 228). Nos percursos tecidos pela rememoração dolorosa aparecem lado a lado o tempo cronológico da história, convencionado pelos homens – ritmado pelo antes e o depois, *de lá para cá* –, e a temporalidade kairológica da memória, do “lampejo” que, voluntária e involuntariamente, instala o passado no presente, abrindo a memória, e a história, à esperança ou à repetição do mesmo, à destruição e aniquilamento.

Eu me lembro das primeiras impressões, dos primeiros burburinhos. *Eu passava de um tempo a outro, de um estado a outro. De lá para cá...* Como se em mim houvesse duas pessoas, a anterior e a posterior a Tchernóbil. Mas agora é difícil restabelecer esse “antes” com toda fidelidade. A minha maneira de ver as coisas mudou. Eu viajei à zona desde os primeiros dias. Lembro que ao parar em algum povoado, *o que me impressionava era o silêncio! Nem pássaros, nem nada. Não se ouvia nada. Eu andava pelas ruas... silêncio. Certo, as casas estavam vazias, não havia pessoas, tinham partido, mas tudo ao redor estava mudo, não havia nem pássaro. Pela primeira vez vi uma terra sem pássaro. Sem mosquitos. Nada voava.* [Irina Kisseliová, jornalista] – (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 314).

É nessa silenciosa e desconcertante dobra do tempo suspenso, do instante de perigo em que “o tempo estanca e ficou imóvel (*Stillstand*)” (BENJAMIN, tese XVI, 2005, p.128), que as memórias se abrem em suas possibilidades, sempre imprevisíveis, de enunciação. Essa temporalidade singular que parece ser a dos atos e desactos das linguagens da memória e do esquecimento, distante dos regimes de historicidade que lhe são, no entanto, vulneráveis – vulnerabilidade que os

historiadores relutam em reconhecer e que a teoria da história benjaminiana procura precisamente potencializar.

As noções de tempo, e também as de espaço, são internamente subvertidas; o tempo afasta-se da aceção de “tempo homogêneo e vazio” (BENJAMIN, tese XIV, p. 119) em direção, escreve Svetlana, a uma vaga “nova sensação do tempo”. Aspecto complexo que as memórias de Tchernóbil tocam em profundidade. É no interior dessa imprevisível subversão, no âmago do espanto e *estupor*, parece-me, que se reconstroem as possibilidades de subjetivação e a memória – como pretendeu Benjamin em suas teses *Sobre o conceito de história* –, alçam-se como elementos-chave para repensarmos a história, a tradição, as ruínas com as quais convivemos, a ação histórica, não mais a partir do olhar do anjo decaído dos historicismos.

Mas o que significa longe e perto depois de Tchernóbil, quando já no quarto dia as suas nuvens sobrevoavam a África e a China? A Terra parece tão pequena [...]. Hoje possuímos outra sensação de espaço. Vivemos num espaço arruinado. [...] Nos últimos cem anos, o homem passou a viver mais, mas o seu tempo de vida continua a ser minúsculo e insignificante se comparado à vida dos radionuclídeos instalados na nossa terra. Muitos deles viverão mil anos. Impossível atingirmos tal dimensão! Diante disso, *experimenta-se uma nova sensação de tempo*. [...] a única coisa que se salva no nosso conhecimento é saber que nada sabemos. [Svetlana Aleksievitch. Entrevista da autora consigo mesma...] – (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 49). (Grifo nosso)

“Recordo uma conversa com um cientista. ‘Isso é para mil anos’, ele me explicava, ‘o urânio se desintegra em 238 semidesintegrações. Se traduzirmos em tempo, significa 1 bilhão de anos; e no caso do tório, trata-se de 14 bilhões de anos.’ Cinquenta. Cem. Duzentos anos. E depois? Depois é puro estupor. Mais do que isso, a minha mente não dá conta de imaginar. Deixa de compreender o que é o tempo. Onde estou? [Anatóli Chimánski, jornalista] – (ALEKSIÉVITCH, 2016, p. 173)

Uma nova linguagem com termos que, provenientes da física, se tornam habituais no “mundo de Tchernóbil” – urânio, tório, radionuclídeos, cézio, estrôncio, curie, isótopos, rems, roentgen, microroentgen, partícula beta, partícula alfa, partícula gama... –, parecem estender a duração do instante em que sucedeu a catástrofe, vindo reforçar a indagação final que desafia a imaginação e compreensão históricas – “Onde estou?”.

REFERÊNCIAS

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. [2013] *Vozes de Tchernóbil - a história oral do desastre nuclear*. Trad. do russo Sonia Branco. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ARENDT, Hannah. Compreensão e política (as dificuldades de compreensão); Sobre a natureza do totalitarismo. In: *Compreender - formação, exílio e totalitarismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2008.

_____. *Origens do totalitarismo - anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história, teses VI, XIV, XVI. In: LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das "Teses sobre o conceito de história"*. Trad. Jeanne-Marie Gagnebin e Marcos Lutz Muller. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. [1936] O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Walter Benjamin - obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

BERGSON, Henri. [1896] *Matière et mémoire*. 94ª ed. Paris: PUF, 1985.

LEVI, Primo. *Afogados e sobreviventes*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

_____. *É isto um homem?* Trad. Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

Abstract

Voices from Chernobyl: the suspended time, the horror and the language of memory and forgetfulness

Voices from Chernobyl – The Oral History of a Nuclear Disaster, by Svetlana Aleksievovitch, published in 1997, represents the definitive fracture in the ideology of civilizing progress. It enables the discussion of the extreme contemporaneity of the languages of memory and forgetfulness, as well as the interpellation of the writings of history in the face of the announced catastrophe. Unsuspected and sensitive borders between both forms of knowledge are drawn. The narratives of memory traced by the author form a kind of mosaic, which expresses the ‘stupor’ experienced by thousands of people in various ways. Emerging from radical experiences of disconcert and estrangement, such narratives set out the challenges posed to tradition, subjectivity and to human existence within what is felt as a ‘new perception of time’. This article seeks to raise understandable topics on ‘estrangement’ and ‘terror’ expressed by multiple and insistent testimonies – despite their sensation of the eclipse of language – to account for what had been happened and lived.

Keywords: Chernobyl; Svetlana Aleksievitch; memory and forgetfulness; History and Literature.